



PORTE  
PAGO

Quizenário \* 13 de Novembro de 1982 \* Ano XXXIX — N.º 1009 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Missionárias da Caridade

Madre Teresa de Calcutá passou entre nós como vento impetuoso. Será o seu carisma. O Espírito de Deus sopra nela e ela vai difundi-lo por esse mundo além. Só assim se explica a proliferação extraordinária da sua Obra; o crescimento espantoso para o nosso tempo da sua Congregação.

Passou e logo se sentiu o efeito dinamizador da sua presença, qual lufada de ar que ateou a chama. Pediu uma casa e já tem a casa. Modificou o arrumo da pequenina e pobre morada das Irmãs (que foi a modestíssima Residência Paroquial da Anunciada, tantos anos) e logrou espaço para acolhimento de quem Deus mande necessitado dele. Jesus, no Sacrário, habita agora um quarto interior mais pequenino e cedeu o que antes fora a capela para serviço do Padre que apareça.

Espera-se agora a vinda da Irmã Frederica, sua Assistente (cujo desígnio me parece ser o de estabilizadora), a descobrir e determinar a função específica aqui da Missão universal destas Irmãs. Decerto não será a de recolher moribundos pelas ruas... Mas pode ser a de acolher doentes incuráveis sem família nem o mínimo que lhes permita um fim de vida em Paz e em Esperança — **matéria prima** que não falta neste sul do País, à espera de quem a labore pelo exercício da Caridade.

Que bem eu vejo um «Calvário» na casa que Madre Teresa pediu e obteve e estará disponível brevemente! Quem dera cá depressa, Irmã Frederica a acertar o rumo das suas missionárias, a comprometé-las em cheio na missão!

x x x

Madre Teresa passou e atraiu. Duas vezes as duas maiores igrejas de Setúbal se encheram (e foi o mesmo na de Arroios, em Lisboa) para a ver e ouvir! Porquê? Seu renome de Prémio Nobel...? Quantos passam por aí despercebidos! Seu encanto natural é nenhum. Sua mensagem não é sua senão na vivência. O que ela disse é tudo do Evangelho. Sua é mais esta demonstração de que o Evangelho pode ser realizado desde que os trabalhos de Marta sejam fundados na opção de Maria. Ser-

vir a Cristo nos seus Pobres é uma apaixonante e válida tarefa... que não dispensa tempos recolhidos aos pés do Mestre a escutá-lo. «Esta será sempre a melhor parte», a garantia da fecundidade da outra que se revela e multiplica em actos de amor ao Próximo porque recebidos directamente do Coração de Jesus. A Fé é a raiz do Amor. Dela sobe a seiva que faz crescer tronco e ramos e lhes dá abundância em frutos. O Homem, de si, por si, não é capaz do Amor. É necessária a enxertia do divino no bravo coração humano para a fertilidade. Os especialistas do Amor sabem-no bem. Por isso Madre Teresa disse e disse e disse da Oração — cada colóquio começou e terminou em Oração; e o tema desenvolvido não foi outro. Nas suas comunidades há uma hora diária de adoração. E desde que assim é, nem a acção sofre e as vocações têm crescido maravilhosamente.

A um entrevistador que lhe perguntou o que faria se devesse trabalhar em um país que lhe impedisse a Fé, respondeu: — Ninguém pode arrebatar a minha Fé. Se para fazer luzir o amor de Cristo entre os que sofrem, não houver outra alternativa senão per-

manecer em tal país, eu fico, mas não renego. Estou pronta a dar a minha vida; nunca, porém, a minha Fé.

No entanto ela não impõe a sua Fé:

— Queira Cristo infundir a Sua luz e a Sua vida em cada um de nós e, através de nós, sobre o mundo da miséria. Que os Pobres, sejam quais forem as suas crenças, ao ver-nos, se sintam atraídos para Cristo e nos convidem a entrar em suas casas, em suas vidas.

Porque atrai, pois, esta velhinha de rosto engelhado e sem beleza?, senão porque Cristo infundiu nela a Sua luz e a Sua vida e ela se deixou embeber dessa luz e dessa vida!

«Que a Tua graça nos preceda e nos persiga...» — rezamos nós na oração do 28.º Domingo do Tempo Comum. Nisto reside o poder atractivo aos Homens de Deus. Sem a precedência da Graça, nada! A fidelidade do Homem a esse dom da misteriosa predilecção de Deus transforma-o num perseguido pela Graça; e por força desta perseguição, ele se torna um perseguidor de outros homens, para quem Deus o

Cont. na 4.ª página



Um belo recanto da Casa do Gaiato de Setúbal

## Setúbal

Enquanto os portugueses puderam ver, pela Televisão, a imagem de Madre Teresa de Calcutá, muitos de nós, cristãos de Setúbal, tivemos a

graça de A vermos ao vivo, de ouvirmos as suas palavras na real dimensão da sua ressonância interior.

Madre Teresa falou na Catedral.

Só uma Catedral tem dignidade suficiente para acolher uma Mulher assim.

— O que nos disse? — Nada de especial.

Tenho ouvido falar muito melhor: De Maria; da Revelação de Deus numa grávida; do horrendo crime do aborto — onde afirmou com inabalável convicção: «**Dêem-me todos os nascituros condenados ao infanticídio que eu criá-los-ei.**» Do Amor como único caminho da Paz e da Salvação, da Humanidade!

— Como disse? — Aqui é que está: Era Jesus de Nazaré. A Palavra do Pai em perfeita sintonia. Teresa meteu-se dentro de Deus. Deus fez dela a Sua habitação. As afirmações saíam-lhe do coração e entravam nos nossos, plenas de Luz. Jesus e os Pobres. O amor da sua vida. O único amor que salva e traz Salvação. Nem só os Pobres. Cristo não foi só, não é somente a Revelação do

## TRIBUNA DE COIMBRA

Naquela tarde soalheira, mas fria e agreste, no alpendre da capelinha das Aparições em Fátima, contemplei aquela mãe de joelhos com sua filha pequenina ao colo e Terço nas mãos. Deu várias voltas à capelinha, sempre de joelhos e com a filhinha muito direitinha nas mãos, em sinal de oferta. Ambas com roupas brancas e a pequenina com olhinhos muito brilhantes e sorridentes. Dois anjos a louvar!

No mesmo lugar — diante da imagem de Nossa Senhora da Mensagem de Fátima — rezei e recomendei à Mãe do Céu todas as mães da terra. As mães agradecidas pelos seus filhos e que os consagram a Deus. As mães agradecidas por que o Senhor, por Sua

Mãe ou pelos santos, ouviu e atendeu suas aflições. As mães agradecidas pelo grande dom de serem mães.

Rezei e recomendei à Mãe do Céu as mães que geraram e deram à luz os filhos, mas depois os abandonaram. Deixaram-nos órfãos com as mães vivas. Trocaram o amor sagrado por amor comercializado.

Rezei e recomendei à Mãe do Céu as mães que geraram, mas negaram a sua maternidade matando os filhos, filhos que deviam ser fruto bendito de seus ventres. Mães degeneradas.

Rezei e recomendei à Mãe do Céu todas as mulheres que podem ser mães e não o querem ser. Cofres fechados. Alfobres de vida estancados.

Negação ao crescimento do Reino de Deus na Terra e no Céu.

Rezei e recomendei à Mãe do Céu todas as mulheres que são mães por amor, mesmo sem o serem pela carne. Já são muitas, mas são necessárias muitas, muitas mais. Há multidões de crianças à procura de mãe. Há casas com filhos à espera que a mãe venha. As nossas Casas do Gaiato e outras semelhantes estão ansiosas que cheguem mais mães.

A fé, a confiança, o amor, o sacrifício, os braços cansados e os joelhos e pés doridos daquela mãe animavam a esperança do crente que quero ser.

Padre Horácio

Cont. na 3.ª página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Naquele domingo pardo, de Outono, fomos por aí fora, a modos de peregrinação. Era o Dia das Missões.

De manhã, abeiramo-nos do leito de um incurável, no limite da terceira idade. Se não lhe botássemos a mão, se ele contasse apenas com a mísera pensão de invalidez, como seria duro o calvário da família! O requerimento para o subsídio de grande inválido — já atestado pela junta médica — é de crer que esteja perdido na burocracia! Como nos choca ouvir, nos *media*, quem vem de longe, afirmar o interesse que, em suas terras, devotam ou procuram dedicar à velhice, à doença, àqueles que, pela enxada, pelo martelo, pela caneta..., serviram até à exaustão o seu próprio país!

Estes Pobres são cidadãos que não protestam nem fazem barulho. Mas sentem na carne — mais do que outros — as omissões. Como as sofreríamos nós, se estivéssemos na mesma situação?!

A mulher tem sempre a casa um brinco! Não se cansa de servir, de limpar, d'animar o marido.

— *Ai, meu senhor, q'antas vezes o dia mudo a roupa da cama!...*

Além da presença dos nossos leitores, ela vai ganhando, também, nas horas mortas, uns magros tostões por serviço que traz para casa.

— *É pouco, mas com o V. arrumadeira...*

A vida do Pobre é assim mesmo: com pouco *s'arrumadeira*. Com miséria, não!

Junto ao leito, numa arca de castanho já velha, o rádio de pilhas dá uma partitura de música clássica, coadunada com o ambiente. Já sabíamos porquê. Todavia, preferimos ouvir, da boca deles, a grandeza da Hora que se aproximava.

— *Tá; tá na hora!...*

— ...

— *Olhe q'eu, às vezes, estou na cozinha à lado, e ele bate nos vidros p'ra eu pôr o rádio mais alto, p'ra ouvir a Missa — diz a mulher.*

— *É assim? — inquirimos o nosso Amigo.*

Abana a cabeça. Sorri. Levanta os braços ao Céu — Reino dos Justos.

— *Vai começar... Deixemo-lo em oração. Adeus! Até sempre!*

— *Nestas alturas — continua a mulher — quer estar só... Não quer que ninguém o incomode!*

O valor do silêncio!

Como o dia era para a romaria, subimos outros calvários, em montes sobranceiros, com as névens obstruindo o brilho do sol e anunciando chuva para saldar o débito da seca nos campos, nos poços, que — dizem os lavradores — *«ela ainda fez muito vinho»*. O típico vinho verde — único no Mundo. Riqueza que, bem encaminhada, da produção à exportação, é um alfobre de divisas para o País — o pão dos agricultores da área demarcada. Ao longo da caminhada, nas casas de lavoura, o cheiro a mosto ainda trespassa do lagar, das pipas!

Subimos a encosta. Estavam no estaleiro os dois irmãos, e cachopos preparando tudo para betonarem a laje de tecto da nova moradia. É bem dimensionada, com um panorama surpreendente!

— *Este sítio até dá saúde!...*

E dá mesmo!

Não vamos adiantar a aventura destes heróis. Partilhámos um pequeno auxílio para o chapéu da moradia. E os olhos deles riem de satisfação.

Apertámos as mãos de ambos, bem calejadas, e seguimos para aquela Vádua que deixará a terra pelo S. Miguel; cuja família e amigos se juntaram num esforço hercúleo e levantam, à pressão, uma nova moradia para ela e para os filhos.

Estava na lareira à volta do caldo.

— *Somos muitos...! Eles não tardam a chegar, mas a comida já está pronta.*

A filha, doente, conversa agora com mais naturalidade! Recomendámos que não deixasse o tratamento...

— *Num acha q'ela pode arreceber um abono!?*

— *Vamos dar a volta...*

E seguimos os dois para o estaleiro; não sem lhe pousarmos, discretamente, na mão, um auxílio abonado para a armação e a telha.

Sobre as quatro paredes, por baixo de pinheiros e eucaliptos com mato ao redor, um grupo numeroso: filhos, amigos, vizinhos.

— *A gente é assim, como V. vê!*

— *grita, lá de cima, um que é trolha.*

Hoje, continua, a casa fica já com a armação pronta. E como vem lá chuva..., depois trabalha-se mais à vontade.

Ao olharmos para este e outros casos que a gente topa — sem benefícios de ninguém — meditámos nas potencialidades de um Povo, cuja face, cuja vida poderia ser bem melhor! Assim *bourressé*, nas zonas rurais, homens públicos motivados para a problemática da Auto-construção...!

**PARTILHA** — No Espelho da Moda (Porto): mil do assinante 13519; metade de um anónimo; várias entregas da assinante 19177; «migalhinhas» de «uma portuense qualquer»; e ougam:

«Envio 500\$00 para aplicarem na que for mais preciso.

O meu falecido marido fazia anos no mês passado e, em vez de comprar flores mais caras, resolvi colocar na campa outras mais modestas e enviar o restante para os Pobres. Pareceu-me mais acertado e creio que não fiz mal.»

Ao que Padre Moura acrescentou: «Coisa bonita com flores modestas!»

Vales do correio de Albufeira, Santarém e Póvoa de Varzim. Assinante 12692, do Funchal, 300\$00 «por uma graça recebida e também por amor aos Pobres». Mais 200\$00, de Odivelas, «em memória do meu filho». A presença amiga do Elísio Humberto. Rua Esperança do Cardal (Lisboa), vale do correio para o soldado da paz. Pedras Rubras: «Acabo de receber o subsídio de funeral por morte de minha querida mãe. Já que Deus permitiu que eu não precise de utilizar esse dinheiro, envio-o para ajudar os velhinhos protegidos pela vossa Conferência.»

Aqui temos, em linhas simples, a seníssima Doutrina Social da Igreja! Ramiro com 2.000\$00 e mandámos um xi do coração.

Por fim, remanescente da assinatura de O Gaiato posta em dia pelo assinante 26778.

Em nome dos Pobres, o nosso habitual muito obrigado.

Júlio Mendes

## CASAMENTOS



Luís Manuel e Irene, em Santo António do Tojal.



Maria Alice e Joaquim José (Lisboa), da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo — no Mosteiro da Batalha.

## Paço de Sousa

**VISITANTES** — Esteve de visita a nossa Casa um grupo de Amigos do Centro do País, na companhia do nosso Padre Horácio e alguns casais da Casa-mãe da Obra da Rua, em Miranda do Corvo.

Depois de terem percorrido a nossa Aldeia reuniram-se na Capela para a celebração da santa Missa. E, por fim, merendaram no bar, em agradável ambiente de convívio.

Agradecemos o carinho que nos prestaram.

Mais um grupo de visitantes: Os responsáveis do Centro de Dia de Lordelo (Porto) — orientado pela Sociedade de S. Vicente de Paulo — trouxeram até nós os velhinhos que assistem. Foi uma visita que lhes trouxe muita alegria. E, na verdade, nós também sentimos por eles admiração e amor pela sua vida, pela idade de todos eles.

Por fim, não podemos deixar de fazer uma breve referência ao número de visitantes que por aqui passaram, aproveitando a sua deslocação à Festa de S. Simão, na vizinha freguesia de Urrô. Muitosromeiros

nunca deixam de conviver conosco algum tempo, seja na ida, seja no regresso. Até ao ano, se Deus quiser!

**TRABALHO** — Mais um grupo de rapazes nossos, com cursos de formação profissional, conseguiram vencer a tremenda dificuldade para a maioria dos jovens — obterem trabalho nas empresas.

Esperamos que realizem o seu desejo e tudo lhes corra pelo melhor.

**CASAMENTO** — No dia 24 de Outubro houve mais um casamento em nossa Aldeia: «François» e Rosária.

Fomos convidados, não só para o banquete como para a cerimónia mais importante — a Missa do casamento.

Depois da celebração e do registo fotográfico, fomos para o refeitório, como sempre em ambiente de festa, pois é mais um irmão nosso que completa a sua vida e forma o seu lar.

O Grupo Desportivo da Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, agradece a «François» todo o contributo prestado no decorrer dos anos, em defesa das cores e redes da nossa equipa.

Desejamos aos noivos muitas felicidades.

Carlos Alberto

## Correspondência de Família

«Por estranha ironia do Destino estou aqui, em Matosinhos. Mas todos os dias, de manhã, há já quase sete anos, eu proferia estas frases: — Bom dia se Júlio; bom dia se Manel Pinto, etc. De facto, com o máximo respeito e consideração. É o que eu desejo que V. ouçam; ou melhor: leiam esta minha saudação.

(...) Tenho a minha vida como qualquer cidadão português. Reparto-a com mulher e filha — o que tantas vezes cheguei a pensar não seria possível!

Mas tenho na mente Paço de Sousa: As padiólas. A avenida varrida. Os «Batatinhas». Quando ia aos grilos, às uvas. Quando andava na Escola. A dobrar O GAIATO. A endereçar o jornal para os assinantes. Quando ia ao correio!...

Não sei escrever mais nada! Tinha tanta coisa para dizer!...

Junto a fotografia da minha filha: Mara da Silva Rodrigues. É mais uma neta da Obra da Rua! Senti-me na obrigação de enviar a foto para O GAIATO, que compro sempre na estação de S. Bento (Porto).

Segue um vale de correio, ou melhor, uma migalha destinada aos Pobres.

Acho que é tudo. Qualquer domingo vou aí. Trabalho quase no Centro do País e só venho ao fim-de-semana a casa. Não tenho podido...!

Cumprimentos a todos os Padres e a toda a gente da Tipografia. Um abraço para toda a Obra e obreiros. Também para a sra. D. Emília (obrigado pela Doutrina que me ensinou!).

Elísio Humberto



Uma flor entre as flores

# Partilhando

● O Neves veio fazer-nos uma visita. Ele era filho da nossa Casa; agora, uma simples visita.

Era nosso por tudo: os pais morreram; o irmão mais velho está na cadeia; as irmãs com a vida desorganizada. E o mais novito está conosco.

Por tudo isto a sua Casa ainda era esta. Não quis. Por uma coisa de nada resolveu fugir. Com dezoito anos feitos é maior!... Mas, pelo pensar da sua cabeça, é menor. Ele sabe disso. Eis o que nos afirmou, durante a visita:

— Estou arrependido...! A minha irmã trafu-me! Prometeu-me tanta coisa e, agora, o que quer de mim é dinheiro!...

Primeiro, atraído..., para logo ser traído... Uma técnica usada por alguns familiares dos nossos rapazes: atracção, depois traição!

A palavra textual usada pelo Neves foi aquela mesma: «Trafu-me!» Palavra certa no lugar certo! Nem mais gorda nem mais magra. Assim é que é!

O Neves, aos dezoito anos, em nossa Casa, não quis mais ser atraído por nós. Oferecemos-lhe o Bem sem nunca traír. E nem assim...! É preciso eles sentirem a traição de

alguém para verem a beleza da nossa atracção!

Deixamos tudo por eles... E alguns não vêm. É verdade, não vêm — nem mesmo traídos! É o mistério da Cruz. Incompreensão e cegueira humanas, abandono, solidão! Sentimentos duros e dolorosos a ter em atenção nesta caminhada...

Pedi ao Neves que tivesse juizinho e não atraísse nunca o irmão mais novo que está conosco — para não ser mais uma vítima. A voz do sangue é forte... A do espírito, também. Quem ganhará? O Neves já viu o que deixou..., o que encontrou...! Para que outros vejam, aqui fica escrito.

O irmão mais novo — o Paulo — segreda-me isto: «A gente aqui tem defesa...!» Assim fala o Paulo, com treze anos. Sozinho não se defende. Por isso defende a sua verdade; e a nossa, também.

Eis a razão primeira da nossa Casa, da Obra da Rua: Defender os indefesos!

● O «Quicas» é de Vieira do Minho. Por lá andava, nas ruas, ao sabor de quem lhe pagasse uns copos de vinho para divertir e ser diver-

tido. Com todos e sem ninguém! Uma faceta do abandono... As más companhias são companheiras da solidão e da marginalidade!

Apenas o pároco e a juventude da sua terra se empenham até ao fim de uma solução; sempre ao lado do «Quicas» para o libertar.

Ele já está do nosso lado a receber a aragem fresca da Liberdade e da Educação que desconhecia.

A par do «Quicas» recebemos, ainda, deste pároco, o desejo violento de responsabilizar a sua paróquia pela situação de abandono deste pobre rapaz. É dele, padre, que deve renascer a voz e a vida do Mandamento Novo — sempre repetido. Assim, até ao fim... Este é um ponto forte — sempre actual — na doutrina de Pai Américo, baseada no Evangelho: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres». E uma queixa também — por ser um ponto fraco da nossa vida de cristãos.

Há tantas Vieiras do Minho!... E quantos, como aquele pároco!...

Padre Moura

Continuamos a despachar muitos livros de Pai Américo — e outras obras da nossa Editorial — para o Norte e Sul do País; e, também, para além-fronteiras, onde pulsam corações portugueses.

O Carlitos angolano, às vezes, tem de pedir ajuda ao seu homónimo europeu, que a hora limite do correio — mais cedo do que noutros tempos, por mor do progresso... — galga

## O NOSSO JORNAL

O cartão chega no dia de S. Simão, proveniente da cintura industrial de Lisboa. Simples. Conciso. Sem artificios. Riquíssimo de Mensagem!

Aqui está:

«Amigos:

Em nome de minha filha..., actual assinante de O Gaiato, que acaba de trocar, em Inglaterra, a sua condição de emigrante pela de noviça de Congregação Religiosa de Caridade, e em meu nome pessoal (antigo assinante de O Gaiato que se perdeu em África, na sua errabundia de geógrafo), envio um cheque de..., que, se paga materialmente o jornal, não pagará o espírito cristão que o anima — animando-nos nos árduos caminhos da vida.»

Se ele já diz tudo..., que poderemos acrescentar!?

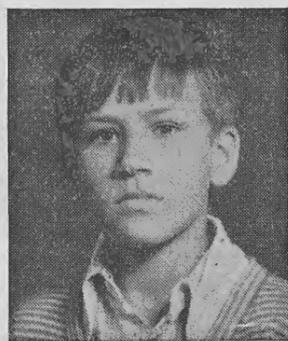
Lê-lo, relê-lo com os olhos da alma — e dar graças a Deus!

Será? Aguardo resposta.

Padre Acílio

## RETALHOS DE VIDA

### «PUNK»



Chamo-me Alfredo Luís Bilreiro Pereira da Silva e, cá em Casa, a malta pôs-me o nome de «Punk». Não sei porquê! Sou natural de Tomar e nasci a 19 de Junho de 1968.

Quando era pequeno estava junto dos meus pais que, depois, se divorciaram por razões suas. Fiquei, então, ao cuidado do meu pai, que era distribuidor de grades de cerveja, até aos sete anos. Mas comecei a sentir muito a falta da minha mãe! Estava sempre a dizer que queria ir para ao pé dela. Até que chegou o dia! Enquanto estive com ela, estive bem; ajudava-a no que era preciso. E por lá, claro, eu ia à fruta dos meus vizinhos..., porque não havia mais nada.

Em 1980 tive que me separar da minha mãe, que adoeceu e não me podia sustentar. Mas, agora, trabalha num hospital. Vim, então, para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa com dois irmãos mais pequeninos: o Chico e o «Juiz». Já cá estamos há quase três anos, muito contentes.

De quinze em quinze dias eu distribuo o nosso jornal O GAIATO na cidade do Porto. Frequento o 2.º ano do Ciclo Preparatório TV. E, nas horas livres de estudo, trabalho na Tipografia. É um serviço de que gosto, muito bom, porque o meu desejo é ser tipógrafo.

Não tenho mais nada importante para contar. Por isso, mando daqui um grande abraço para todos os leitores, principalmente para os tomarenses.

Alfredo da Silva («Punk»)

## «PÃO DOS POBRES»

depressa e não há mãos a medir!

Os livros de Pai Américo produzem uma revolução pacífica na alma dos leitores! Tanto maior quanto mais os olhos da alma penetram a Mensagem que transmitem — com sabor a Eternidade.

«Já comecei a ler os volumes que me mandaram — escreve alguém, de Ermesinde, que acentua: «Já ri, chorei e meditei... Peço desculpa pela redacção, mas o meu forte não é escrever...»

Mangualde:

«Os ensinamentos que nos dá o Pão dos Pobres — todos os escritos de Pai Américo — e aquele alfinetinho que nos deixa sempre cá a picar a consciência, valem milhões e milhões...»

Uma vimaranense, da terra que deu o ser à Pátria que somos:

«Agora, fico atenta à leitura dos livros. Uma leitura que enche a minha alma — dando-me alento nas horas amargas.»

É sempre assim, quando conhecemos a Dor, a Miséria — qual outra Paixão de Cristo — que existe por esse Mundo fora; aqui ou nos antípodas...!

No entanto, há um pormenor no lançamento das obras que, normalmente, ontem e

hoje, deixa confundidos muitos Amigos — habituados ao extremo cuidado que as editoras põem, em sua gestão comercial, na solvência de compromissos dos leitores. Por isso, desabafam a Confiança que, desde sempre, depositamos em todos — sem excepção:

«Os meus agradecimentos pelos três volumes Pão dos Pobres que me têm ajudado a ser um pouco melhor. Bem haja por confiarem nas pessoas, pois o envio deles sem qualquer pagamento adiantado, ficando este ao critério das mesmas, penso que será um pouco arriscado, mais a mais no Mundo em que vivemos...!»

Coimbra — berço da Obra da Rua:

«Acabo de receber os livros, que agradeço, os quais solicitei através do postal RSF encontrado dentro de O Gaiato.

A encomenda não se fez esperar e até me surpreendeu a rapidez da execução da mesma. O que esqueceu foi mandarem a conta. Já sei o que vão responder... Porém, há despesas que têm de ser cobertas e não sei se o meu cheque chegará...»

A resposta de Pai Américo não muda, tem muita actualidade: «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edi-

Cont. na 4.ª página

# SETÚBAL

Cont. da 1.ª página

Amor de Deus. É, foi e será sempre e somente o Amor de Deus aos Pobres.

Teresa invadiu-se de um sistema religioso — a sua originária Congregação — onde Jesus era talvez, simplesmente, Revelação do Amor de Deus e mergulhou na realidade cristã: Cristo e os Pobres. Deixou o sistema. Abriu-se à vida: vestuário dos Pobres, mobília dos Pobres, aparência dos Pobres, riqueza interior (Jesus) dos Pobres. Tal como os pecados do espírito.

O Padre Américo fez também estreia numa Ordem religiosa, mas esta não lhe revelou as duas faces de Cristo. Começou ele. Fez uma Escola onde um pequenino grupo de alunos vai aprendendo: «Os Padres da Rua não usam hábito. Não fazem votos. Não têm residência. Nem família, nem amigos, nem campos, nem interesses, nem nada. São apaixonados de Cristo...» e gastam-se «em revelar ao Mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo».

Atrás de um Homem vieram homens. Não sei se virão mais!... Jesus parece ter perdido no Mundo de hoje, em

muitos lados, a dimensão real da Sua vocação: Igreja dos Pobres.

Mas mulheres? Precisávamos de uma Mulher como Teresa de Calcutá que abrisse clareiras na perspectiva de Pai Américo a outras mulheres. As Casas do Gaiato estão profundamente carenciadas da presença feminina. As que temos são uma gota no oceano e estão fisicamente gastas de trabalhar e de sofrer. Mulheres que amem Cristo e as Crianças abandonadas. Em Setúbal estamos quase à beira do fim. Será que nesse mar imenso da Igreja feminina não haverá mulheres com o rasgo de Teresa — que se deixem apanhar pela Força de Deus?

Será que a inquietação — nascida da experiência de que na realidade não se trabalha, nem com nem para os Pobres em tantas Congregações e Ordens religiosas — não rebentará num ou noutro elemento?

Será que o mundo jovem das raparigas cristãs, cada vez mais alargado, não descobrirá na Obra da Rua um campo imenso onde poderia encontrar a plenitude de Cristo?

Será? Aguardo resposta.

Escrevemos no último O GAIATO que a sua venda representa para nós, há muito, um grande quebra-cabeças, prometendo neste número dizer algo sobre o assunto. Eis o que faremos a seguir.

Mais do que o valor material em causa, nada desprezível em termos gerais no capítulo das receitas, a venda de O GAIATO teve sempre um papel de intercâmbio muito carinhoso entre os Vendedores e os nossos Amigos. Estes sempre acumularam aqueles de muitas provas de estima, com manifestações ímpares de ternura. Aliás, foi sempre palpável a ansiedade com que, não raros leitores, esperam ou esperavam os pequenos Vendedores, dialogando com eles, fazendo perguntas e interessando-se pelas suas vidas ou pela própria Obra. Pensamos, neste aspecto, que se há algum óbice a opor, ele se deverá situar, talvez, nos excessos de oferendas, nem sempre realistas e tendo em vista as características da Obra e o

# AQUI, LISBOA!

facto de os Rapazes da venda serem apenas os embaixadores, digamos assim, do resto da Comunidade.

A venda, porém, teve sempre o seu reverso, aliás acentuado com o andar dos tempos e das mentalidades. As tentações são muitas, com tendência para aumentarem. E nem se espere de crianças outra coisa que não a fragilidade. Por nós, reflectindo sobre o assunto, não tendo à partida as limitações ou as carências de muitos dos nossos, temos como coisa assente que seríamos naturalmente piores, dadas as solicitações existentes, cada vez mais exacerbadas por um consumismo desregrado, apoiado em fortes meios publicitários.

Educar vai sendo mais difícil e, se o queremos fazer, há que opor um dique a tudo aqui-

lo que possa contribuir para facilitar os desvios e pôr em causa os valores morais. E pôr nas mãos de um jovem de 10 a 12 anos, e não só, milhares de escudos é ocasião de sérios e graves problemas, dentro e fora de Casa, para não falar já na temerária confiança de muitos adultos, ao entregarem a crianças de tenra idade, às vezes anónimamente, altos valores, como, aliás, já temos aludido.

Acresce a tudo o que referimos o perigo de habituação, com reflexos nocivos na estruturação do carácter, cuja formação se joga nas mais tenras idades e com sequelas gravosas imprevisíveis no comportamento futuro.

Outras razões, não menos apodíticas, nos vão levar a suprimir a venda do jornal nas ruas de Lisboa. Têm-se sucedido os roubos ou assaltos aos nossos pequenos vendedores, incapazes ou sem expediente para se defenderem. Não raro, e com uma frequência cada vez maior, no meio da barafunda da cidade, cada vez com mais movimento, nos aparecem casos de perda ou de extravio.

Há, pois, que pôr termo a uma situação menos agradável.

Sucedê ainda que a venda de O GAIATO se vem tornando cada vez mais difícil, por se tornar, até certo ponto, inconciliável com a nossa vida comum. Assim: a maior parte dos escritórios ou entidades não funcionam ao sábado, que era o dia por excelência da venda pela cidade; muitas entidades ou organismos, por medidas(?) de segurança ou de rentabilidade, têm sucessivamente fechado as portas ou pondo graves restrições à entrada dos nossos Vendedores; a vida escolar e a das oficinas são seriamente afectadas pela venda de O GAIATO; adultos com menos escrúpulos ou familiares de alguns dos Rapazes têm-nos trazido amargos de boca, que guardamos para nós; enfim, uma série de factos e de circunstâncias que não vale a pena enumerar, internos e externos, levaram-nos, após séria meditação sobre o assunto, a suprimir, embora lenta, mas progressivamente, a venda nas ruas de Lisboa e nas Companhias. Ficará apenas a venda

às portas dos templos que, pela índole de que se revestem, aos domingos, sem tanta necessidade de movimentação, menos demorada no tempo e em transporte quase directo para Casa, oferece menores perigos e transtornos.

Aos nossos Amigos queremos pedir a fineza de se tornarem assinantes. Este é o processo mais prático e correcto de receberem O GAIATO. Como se escreveu no último jornal, para quem pode, a assinatura comporta-se em cento e cinquenta escudos anuais. Quem o quiser receber e não tiver posses também não deixará de o ler. Aconselhamos, no entanto, que as assinaturas da zona de Lisboa sejam pagas no Tojal, por carta, vale de correio ou cheque; no Lar de Lisboa, R. Ricardo Espírito Santo, 8 r/c (à Estrela); na Secretaria do Montepio Geral; no Franco gravador, R. da Vitória, 40; ou na Maison Louvre, ao Rossio. É que, sendo as Casas economicamente independentes, O GAIATO pertence a toda a Obra. E, também, desta Casa; e, se preferirmos, pelas razões apontadas, que as pessoas sejam assinantes, é razoável que lhe pagamos a tomarem por justiça, em conta, o exposto.

Padre Luiz

# AGORA

«Não estás longe do Reino de Deus» — disse Jesus ao escriba depois deste ter afirmado: «Amar a Deus de todo o coração, de toda a inteligência e de todas as forças, e amar o Próximo como a ti mesmo, vale mais do que todos os holocaustos e sacrificios».

São os dois amores dum cristão autêntico que, na prática, se fundem num único: O Senhor Deus e os Outros.

Maravilhoso tesouro!  
Carro de luz no caminho do Reino!

Hoje não fazemos procissão. Vou colocar a tua Luz no cimo do monte — para que irmãos nossos vejam e meditem.

Eis:  
Dum anónimo: «Final já que esta pequena migalha não pode ser para ajuda de uma casa por ano, como era necessário, pelo menos que seja aplicada a algumas telhas para ajudar aqueles que com muito sacrifício vão construindo as suas casinhas».

De Linda-a-Velha: «Cristo é o garante de todas as coisas. Vai este pouco para a Auto-construção; para a próxima será melhor».

Da assinante 21884: «Esta oferta é a minha primeira reforma que recebi ontem mesmo». Que santa pressa!

De Portimão: «Vão cem mil, trinta dos quais para a Auto-construção. Desejo que fique no anonimato». Não pode! A Luz aqui fica no cimo do monte. Os vendavais não conseguirão apagá-la!

Da Praça Ilha do Faial: «Dos quarenta ponha dez no Património dos Pobres». Pois, sim. Um anónimo com vinte mil para o Património dos Pobres. Outro com cinco.

Das funcionárias da Têxtil: «Com a nossa amizade enviamos a habitual lembrança». Todos os meses sobem ao monte e acendem a vela.

De um assinante: «Junto

cinco contos para ajuda de um telhado».

Assinante 25881: «250\$ mais 250\$ para a Casa de N. S. do Carmo. Desejo à Obra da Rua as bênçãos do Senhor nosso Deus, que Ele mande mais operários para essa messe, pois as vossas forças vão-se desgastando e precisais tanto que venham outros novos para ajudar». Aqui fica esta Luz que é um grito de alerta de encontro à nossa angústia. Escuta. Larga tudo. E vem.

Para a Casa Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo mais vinte mil.

A D. Emília, da Trav. do Outeiro: «Mando o meu subsídio de férias para qualquer afiliação das casas dos nossos irmãos». O sacrifício dumas férias! Bate no peito.

Mais quinze mil dum amigo.

E, de J. P. R., mil mais 500\$00.

Duma amiga do Porto: «Tenho verdadeira devoção por esta actividade da Obra da Rua, no esforço de ajudar a ter um facto quem vive em situações degradantes».

Mais dois mil de Lisboa e mil de Viseu.

De M. M. — para a Casa da Paz: «Depois de uma pausa, retomo a caminhada. A minha contribuição para a Casa da Paz fica em trinta mil, para já. É tão pouquinho! Uma gota de água no oceano de tanta necessidade...! Mas é enviado com amor. Com amor pela Obra e por todos os irmãos — que não desfalece ao longo do tempo».

Bem verdade que a paz não emana da ausência de guerra. Só a justiça e o amor pelos irmãos podem ser fonte pura de paz.

Na tua noite e teus silêncios, escuta a voz grandiosa destas Luzes no monte.

Padre Telmo

# CONTRASTES

Na Europa onde os extremos se tocam e os desperdícios são escandalosos; na Europa (também) com regiões subdesenvolvidas e países em vias de desenvolvimento (PVD), teríamos escutado o recente SOS do presidente do Conselho Mundial da Alimentação distribuído pelas agências noticiosas?!

«Os actuals excedentes alimentares atingirão, em breve, o limite crítico, se não for constituída qualquer reserva alimentar de emergência» — disse Artur Tanco, em Manila, motivando duzentos PVD a redobram de esforços para

instaurar um programa de acção de socorro alimentar de emergência e de estabilização dos abastecimentos. Em muitas destas nações — continua — «o crescimento demográfico ultrapassou o crescimento da produção alimentar e a sua dependência em relação a certos países ricos aumentou em proporções perigosas... Por fim, sublinha o desequilíbrio do mercado mundial da alimentação e recorda a crise alimentar de 1972/74: «Milhões de pessoas foram atingidas pela fome, no momento em que mais de metade das reservas cerealíferas estava a alimentar gado nos países ricos! É indispensável conseguir um sistema racional que garanta às nações com fracos recursos o acesso aos abastecimentos, em caso de penúria».

Hoje, que a Terra não passa dum aldeola — e a problemática dos Pobres, comum a todas as nações, incide mais ou menos em todas as latitudes — não deixa de ser pertinente, como recomenda Jesus de Nazaré, desenterrar a cabeça da areia e, em espírito de comunhão, fazeremos nossas, em nosso dia-a-dia, as carências,

as dificuldades, a Miséria a nível mundial e a nível pessoal, que os nossos olhos não vêem ou — pior ainda — não querem ver!

Júlio Mendes

# Pão dos Pobres

Cont. da 3.ª página

ções que saem dos nossos bolsos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um dos leitores.

Podíamos continuar, dentro da mesma linha, com o mesmo mote. Mas há que ficar por aqui; não sem esclarecer que temos, às vossas ordens, as seguintes obras da nossa Editorial: Pão dos Pobres (1.ª, 2.ª e 3.ª volumes), Isto é a Casa do Gaiato (1.ª e 2.ª volumes), Barredo, Ovo de Colombo, Viagens, Doutrina (1.ª, 2.ª e 3.ª volumes) — de Pai Américo; mais o Calvário, de Padre Baptista e O Lodo e as Estrelas, de Padre Telmo.

Júlio Mendes

# Missionárias da Caridade

Cont. da 1.ª página

constitui um transmissor de Graça precedente que, correspondida... — e assim indefinidamente se os homens não resistirem ao amor misterioso do nosso Deus.

Madre Teresa é assim uma perseguidora dos homens, uma Graça que Deus suscitou nos nossos tempos. Por isso corre Mundo como vento impetuoso que desperta dinamismo adormecido.

Agora, que venha depressa, a Setúbal, Irmã Frederica para estabilizar e ordenar as energias desencadeadas por este furacão da Graça.

Padre Carlos



Director: Padre Telmo  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Outubro: 53.970 exemplares